



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA FRANCESA**

JANAÍNA ARAUJO COUTINHO

**GÊNEROS TEXTUAIS E ESTRATÉGIAS PARA A
APRENDIZAGEM DA LEITURA INSTRUMENTAL EM
FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA**

CAMPINA GRANDE - PB

2009

JANAÍNA ARAUJO COUTINHO

**GÊNEROS TEXTUAIS E ESTRATÉGIAS PARA A
APRENDIZAGEM DA LEITURA INSTRUMENTAL EM
FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Letras - Língua Francesa
do Centro de Humanidades da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Letras – Língua Francesa.**

Orientadora: Professora Doutora Josilene Pinheiro-Mariz.

CAMPINA GRANDE - PB

2009

RESUMO

O presente relatório, que possui caráter parcial, mostra as atividades da pesquisa *Gêneros textuais e estratégias para a aprendizagem da leitura instrumental em francês língua estrangeira* desenvolvidas no decorrer do período de agosto de 2008 a julho de 2009. Tais atividades foram realizadas nas disciplinas Língua Francesa Instrumental I e II, oferecidas de modo sequencial aos alunos do Curso de Licenciatura em Letras e também na disciplina Língua Francesa Instrumental Básico, oferecida aos cursos integrados ao Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande. Essa pesquisa tem a participação de uma aluna do curso de Letras, habilitação em língua francesa, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desenvolvido na instituição de ensino superior mencionada.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
2 METODOLOGIA.....	07
2.1 Participantes da Pesquisa.....	07
2.2 Coleta de Dados.....	08
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
ASPECTOS RELEVANTES ACERCA DO ENSINO DA LEITURA EM FRANCÊS	
LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	10
3.1 Aquisição e Aprendizagem.....	10
3.2 Leitura.....	11
3.2.1 Francês Língua Estrangeira.....	13
3.2.1.1 <i>Francês Instrumental</i>	15
3.3 Gêneros Textuais.....	17
3.3.1 O Texto Literário.....	18
3.4 Estratégias de Leitura.....	20
3.4.1 Gêneros Textuais como Estratégias de Leitura.....	23
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	76
ANEXOS.....	78

1 INTRODUÇÃO

Alguns estudos realizados no campo do ensino de Línguas Estrangeiras (LEs), iniciados por volta do século XVI (PIETRARÓIA, 1997, p. 29), mostram um número vasto de metodologias que buscavam a melhor maneira de inserir os aprendizes de uma língua, seja ela estrangeira ou mesmo materna, em um contexto que parecesse o mais produtivo possível. Para atingir esse alvo, os modos de trabalhar com as características inerentes a cada língua estudada mudavam de acordo com o surgimento de outra metodologia, e com ela também mudavam os pontos de apoio. Ora a base era a oralidade partida do texto, ora era o texto que permitia ao estudante se aprofundar nas demais competências. Mesmo com tanta oscilação, um elemento fica evidente: a presença sempre marcante do texto escrito como mecanismo de apoio no ensino das LEs.

Em 1970 começa, então, a surgir o que a Didática de Línguas chama de abordagem comunicativa, uma forma de se estudar todas as competências que o aprendiz de LEs necessita adquirir. Mesmo que seu foco primeiro fosse a oralidade, ela também permitia o acesso às outras formas de compreensão e expressão, o que ajudou os imigrantes oriundos das guerras a se comunicar e conseguir ler as informações básicas contidas nas placas das ruas ou em qualquer “documento escrito de caráter informacional”, como afirma Seara (2004).

Por esta característica de trabalhar também com o texto escrito como base do ensino, essa vertente da abordagem comunicativa ficou conhecida como francês instrumental, tendo como objetivo formar leitores proficientes em língua francesa. Todo o estudo parte do texto e de tudo o que nele se encontra.

Outro fator facilitador da compreensão defendido por teóricos da área é perceber em que gênero esse texto está escrito, pois, de acordo com Marcuschi (*apud* MEURER, BONINI e MOTTA-ROTH, 2005, orgs.), o gênero tem um objetivo social definido em uma situação, tem caráter universal e por isso fornece dados que ajudam o aluno a chegar no sentido geral do texto.

Contudo, traçar esse caminho, mesmo com o auxílio desses dados, não pode ser entendido como de fácil acesso, uma vez que o ato de ler é considerado por estudiosos da cognição humana como uma atividade de alta complexidade (CORNAIRE, 1999), requerendo do leitor certa simpatia com o que está ali escrito. Mais complexo ainda é ler textos literários escritos em língua estrangeira, pois estes são vistos como outro código, plenos de características encontradas somente neles, a exemplo da literariedade e da polissemia.

É com base nessa necessidade de entender textos escritos em francês por parte dos alunos matriculados nas disciplinas Língua Francesa Instrumental I, Língua Francesa Instrumental II e Língua Francesa Instrumental Básico, oferecidas pela Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, que este estudo é realizado, buscando:

1. Demonstrar a importância das estratégias de leitura para a compreensão de textos de gêneros variados escritos em língua francesa;
2. Verificar como os alunos percebem as estratégias de leitura em textos de gêneros variados;
3. Desenvolver estratégias de leitura instrumental adequadas a diversos gêneros textuais.

Os dados preliminares apontam para uma confirmação da relação teoria e prática. Isto é, os primeiros resultados mostram que, no que concerne à leitura instrumental, os aprendizes ratificam o que afirma a fundamentação teórica.

Os resultados preliminares também mostram quão é importante e necessário o ensino da língua francesa instrumental nos cursos de letras e em outros cursos de formação superior na UFCG. Assim, faz-se necessário o aprofundamento da pesquisa para que sejam percebidas quais as estratégias de leitura podem favorecer o ensino/aprendizagem da língua francesa instrumental (LFI), bem como identificar quais os gêneros textuais mais motivam a aprendizagem da leitura em língua francesa.

2 METODOLOGIA

Apresentaremos, a seguir, os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, tais como: participantes da pesquisa e coleta de dados.

2.1 Participantes da Pesquisa

Esta pesquisa teve como colaboradores alunos de cinco turmas de ensino instrumental da língua francesa. São elas: Língua Francesa Instrumental Básico, Língua Francesa Instrumental I e Língua Francesa Instrumental II, oferecidas no período letivo 2008.2; Língua Francesa Instrumental I e Língua Francesa Instrumental II, oferecidas no período letivo 2009.1, todas lecionadas pelos docentes do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Campina Grande. Vale informar que a primeira disciplina mencionada é oferecida aos alunos dos cursos que compõe o Centro de Humanidades, tendo duração de um semestre, exceto para os alunos do Curso de Letras. Para estes ficam a disciplina Língua Francesa Instrumental I e Língua Francesa Instrumental II, oferecidas em dois semestres que podem ser cursados com intervalos entre eles. No Quadro 1 e no Quadro 2 abaixo pode-se obter mais informações acerca dos colaboradores:

Quadro 1 - Alunos do período letivo 2008.2

Turmas	Faixa etária	Número de Alunos (participantes da pesquisa)	Cursos de Formação	Tempo de estudos anteriores da língua francesa
Língua Francesa Instrumental Básico	Entre 17 e 24 anos	15 (quinze)	Cursando História e Ciências Sociais	Iniciantes
Língua Francesa Instrumental I	Entre 21 e 39 anos	12 (doze)	Cursando Licenciatura em Letras	Iniciantes
Língua Francesa Instrumental II	Entre 18 e 46 anos	22 (vinte e dois)	Cursando Licenciatura em Letras	Variando entre 06 (seis) meses e 07 (sete) anos

Quadro 2 - Alunos do período letivo 2009.1

Turmas	Faixa etária	Número de Alunos (participantes da pesquisa)	Cursos de Formação	Tempo de estudos anteriores da língua francesa
Língua Francesa Instrumental I	Entre 21 e 34 anos	05 (cinco)	Cursando Licenciatura em Letras	Variando entre iniciantes e 1,5 (um e meio) ano
Língua Francesa Instrumental II (*)	Entre 22 e 39 anos	16 (dezesesseis)	Cursando Licenciatura em Letras	06 (seis) meses

(*): Grande parte da turma cursou a disciplina Língua Francesa Instrumental I no período letivo 2008.2.

De acordo com o quadro, é perceptível uma variação de idade relevante entre os colaboradores das cinco turmas. Por essa razão, foram considerados como iniciantes os alunos que possuíam idade inferior a quarenta anos, uma vez que, como informado na Fundamentação Teórica, sessão Francês Língua Estrangeira, a língua francesa era oferecida nas instituições de ensino fundamental até o ano de 1970.

Ainda sobre a temática de conhecimentos anteriores da língua em questão, foi notado que das cinco turmas acompanhadas, três têm verdadeiros alunos iniciantes que, de acordo com os questionários respondidos e mesmo com as observações feitas em sala de aula, não tiveram nenhum contato anterior com textos escritos em francês.

As turmas Língua Francesa Instrumental I, período 2009.1, Língua Francesa Instrumental II, período 2008.2, e Língua Francesa Instrumental II, período 2008.2, como informa o quadro, são compostas por alunos que já estudaram o idioma por períodos que variam de seis meses – Francês Instrumental I – a sete anos em curso regular de língua francesa.

2.2 Coleta de Dados

A coleta de dados se deu em três etapas, em que dois instrumentos foram utilizados: questionários compostos por perguntas semi-estruturadas, anotações de campo, fruto das observações feitas em sala de aula, e também produções textuais resultantes do trabalho feito com vários gêneros.

No primeiro momento foi solicitado que os colaboradores respondessem a um questionário de sondagem (anexo 01) elaborado com sete perguntas acerca das atitudes dos mesmos quando estão diante de um texto escrito em língua francesa. Com esse questionário, buscou-se saber se os alunos já haviam tido contato com alguma estratégia de leitura e, se sim, quais seriam elas. Também se procurou perceber quais são os movimentos de leitura que eles, alunos, realizam, se *bottom up* ou *up down* (ver fundamentação teórica, sessão Leitura). Um segundo questionário foi passado somente em uma turma, Língua Francesa Instrumental II 2009.1, e com ele procuramos conhecer quais os gêneros textuais mais apreciados pelos alunos quando falamos na facilidade de entendimento dos conteúdos. Esse questionário foi o último instrumento utilizado em sala, uma vez que já havíamos completado nosso plano de investigação.

No segundo momento foi necessário se fazer presente nas salas de aula, principalmente nas turmas iniciantes, para que, através de observações de campo, fossem percebidas as atitudes dos alunos diante dos textos oferecidos pelas professoras titulares das disciplinas, e, assim, confrontá-las com as respostas contidas nos questionários e nas produções textuais que compuseram o terceiro passo de nosso estudo. Essas produções foram fruto de trabalho planejado para verificar se há relações entre elas e as respostas dadas aos dois primeiros questionários.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ASPECTOS RELEVANTES ACERCA DO ENSINO DA LEITURA EM FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

Para se chegar ao estudo das estratégias de leitura e dos gêneros textuais no contexto de ensino de Francês Língua Estrangeira (FLE), particularmente Francês Instrumental (FI), é necessário que se percorra o caminho de forma a apontar alguns assuntos relevantes que estão interligados nessa busca pela interação texto/leitor.

3.1 Aquisição e Aprendizagem

Aquisição e aprendizagem são dois processos pertinentes, diferentes, porém interligados e pertencentes àqueles que estão participando efetivamente da fase relacionada ao ensino, seja de uma língua materna ou mesmo de uma língua estrangeira, no nosso caso o ensino da língua francesa, com a competência da compreensão escrita baseada no estudo do texto escrito.

Em Cuq (2003) pode-se encontrar a definição desses dois processos. Para ele, aquisição é *«le processus de traitement de l'information et de mémorisation qui aboutit à une augmentation des savoirs et savoir-faire langagiers et communitatifs d'un apprenant»* (Op. Cit. p. 12), isto é, o aprendiz nasce com a capacidade de captar e acrescer ao seu cabedal de conhecimento as mais diversas informações durante sua vida. Já a aprendizagem é *«la démarche consciente, volontaire et observable dans laquelle un apprenant s'engage, et qui a pour but l'appropriation»* (Op. Cit. p. 22). Como se pode perceber, a aprendizagem se efetiva no instante em que o aprendiz está inserido em um ambiente previamente preparado para lhe fornecer os ensinamentos presentes em uma metodologia de ensino.

Como mencionado, estes dois processos são diferentes, pois um é responsável pelo conhecimento que todos adquirimos durante nossa vivência de forma autodidata, podemos assim dizer, e o outro é responsável pelos ensinamentos que nos são transmitidos através de planejamentos.

O processo de aquisição se inicia na vida de todos de forma contínua e diária, pois ele é responsável por todas as informações que são adquiridas através das experiências que nos são apresentadas. Para Vygotsky (*apud* PIETRARÓIA, 1997, p. 302), a aquisição se dá por meio da observação e imitação do uso da linguagem. Entenda-se imitação como tentativa de uso dessa nova informação adquirida.

No campo do ensino das LEs, o processo de aquisição ocorre de forma semelhante, pois no momento em que se está em contato com uma segunda língua (L2), utiliza-se a língua materna (L1) como apoio para que esse processo ocorra efetivamente. No instante da aquisição de novos conhecimentos, são levantadas hipóteses sobre os significados das palavras da L2 quando as comparamos com as da L1, como afirma Pietraróia:

Para tanto, o aprendiz deve se apoiar tanto em sua língua materna, quanto na língua estrangeira, já que a aquisição lexical depende da possibilidade de elaboração de hipóteses de aproximação entre essas línguas como instrumento de aquisição (PIETRARÓIA, 1997, p. 297).

Quanto ao processo de aprendizagem, pode-se afirmar que este se dá de forma esquematizada, visando chegar a um ponto já conhecido: a apropriação consciente de algo. Para corroborar o que foi dito, Robert (2002, p. 10) expõe sua posição acerca da aprendizagem, que diz que *«l’acquisition de connaissances et d’habiletés définies généralement en termes de savoir et de savoir-faire, la somme de ce savoir et de ce savoir-faire participant à la construction des compétences de l’apprenant»*.

Como foi observado, essa ação é o mecanismo que nos faz transmitir aos outros um conhecimento de forma ordenada e com objetivos já definidos. Em nossa sociedade, essa função é de responsabilidade das instituições de ensino, enquanto que a aquisição se dá em um ambiente intitulado pelos teóricos que estudam os processos c3gnitos humanos, de natural.

Vale destacar que estes dois processos est3o intimamente relacionados, uma vez que, para efetuarmos a aprendizagem de modo eficiente, n3o podemos esquecer o conhecimento pr3vio inerente a cada um.

3.2 Leitura

No campo dos estudos do ensino de uma LE, podem ser encontradas duas concepções distintas sobre o que é a leitura. Para a Lingüística, ler é *«savoir utiliser le code écrit d’une langue, savoir décoder un message écrit qu’un scripteur a préalablement encodé conformément aux normes de la langue utilisée et du type de message réalisé»* (ROBERT, 2002. p. 98). Para a Didática das Línguas, responsável pelo uso das línguas, ler é *«s’approprier le sens d’un message»* (Op. Cit. p. 98). Como pode ser verificado, o entendimento que se pode ter acerca dessa ação varia de acordo com a área que fundamenta

seu estudo, pois mesmo que transpareça ser algo de aparência mecânica, ainda assim exigirá do leitor um trabalho de assimilação de mensagem, esteja ela escrita ou não.

Estudiosos da área elencam vários fatores e etapas que trabalham em conjunto para que o leitor alcance o objetivo da compreensão daquilo que está diante dele. Ler envolve, em parte, dois sujeitos e um objeto que devem estar em uma mesma sintonia. Faz-se necessário esclarecer essa tríade. Para Kleiman (2004), o texto é “uma unidade semântica onde os vários elementos de significação são materializados através de categorias lexicais, sintáticas, semânticas, estruturais” (KLEIMAN, 2004, p. 45).

Pode-se ainda acrescentar que o texto é o fruto do pensamento, dentro de um contexto, do autor que busca, através de palavras, convencer o leitor de seus ideais. É ainda em Kleiman que encontramos a função do leitor quando este está diante de uma ideia materializada: “o leitor constrói, e não apenas recebe um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões” (*Op. Cit.* p. 65).

Como se pode notar, a atividade realizada pelo leitor é de alta complexidade, pois envolve pontos exteriores ao texto escrito, retirando-o da posição de receptor passivo, pois ficará sob sua responsabilidade aceitar, ou não, como verdadeiro o pensamento do autor. Como dito, essa tríade compõe a base de uma leitura, ato visto como relevante para se efetuar, à distância, uma eficiente interação entre o cliente e seu fornecedor.

Para que esse intercâmbio se dê de forma satisfatória, faz-se necessário que os dois sujeitos mencionados cumpram as atividades concernentes a cada um. Por ser o texto de responsabilidade do autor, cabe a este produzir um escrito claro, coerente e coeso (SAVIOLI e FIORIN, 2003). Já ao leitor fica a responsabilidade de enfrentar o pensamento do outro de maneira desprovida de prejulgamentos. Contudo, com isso não estamos afirmando que ele, o leitor, tenha que pôr a parte seus conhecimentos adquiridos, até porque é impossível esquecer as vivências anteriores.

O que se busca ressaltar aqui é a interferência que pode haver quando o leitor mescla, de forma precipitada, seus conhecimentos com aquilo que o autor quer dizer, pois, para que uma leitura se dê de forma eficaz, é necessário que haja respeito entre os sujeitos envolvidos na ação que Kleiman intitula de “acordo de responsabilidade mútuo” (*Op. Cit.* p. 67).

Outro ponto relevante é saber que toda leitura que se faz é sempre realizada com o propósito de compreender algo, de tentar perceber características geográficas, filosóficas contidas na produção de alguém, de interagir com o pensamento do outro. Um ponto que não